

O BARRIL DE AMONTILLADO



Suportei da melhor forma que pude as muitas injúrias de Fortunato, mas quando ele se atreveu a insultar-me, jurei vingança. Os senhores, que conhecem tão bem a natureza de minha alma, não hão de supor que eu tenha pronunciado qualquer ameaça. *Um dia* eu me vingaria — isso era coisa tão definitivamente assentada que excluía qualquer ideia de risco. Eu não só deveria punir, como punir com impunidade. Um insulto permanece sem troco quando os efeitos da vingança atingem ao próprio vingador, ou quando este falha em tornar-se conhecido como tal daquele que o insultou.

Fique entendido que jamais dei oportunidade a Fortunato, quer por palavras, quer por atos, de duvidar de minha boa disposição. Continuei a sorrir-lhe como antes, e ele não percebeu que, *agora*, eu sorria à ideia de matá-lo.

Fortunato tinha um ponto fraco, muito embora sob outros aspectos fosse homem para ser respeitado e mesmo temido. Ele se gabava de ser conhecedor de vinhos. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito do virtuose. Quase sempre, o entusiasmo que demonstram nasce da ocasião ou da oportunidade que se lhes apresenta de engambelarem milionários ingleses ou austríacos. No que respeitava ao conhecimento de quadros ou pedras preciosas, Fortunato era tão impostor quanto seus compatriotas, mas, em matéria de vinhos velhos, era sincero. Nesse assunto, aliás, eu mesmo não diferia muito dele — era emérito conhecedor das vindimas italianas e, sempre que podia, procurava enriquecer minha adega.

Foi num entardecer, durante a suprema loucura da estação carnavalesca, que encontrei meu amigo. Saudou-me com excessiva cordialidade; havia estado a beber copiosamente. Fantasiara-se de palhaço. Trazia um traje muito justo, de listas, e a cabeça coberta por um chapéu cônico, cheio de guizos. Fiquei tão encantado em vê-lo que quase lhe quebrei a mão ao apertá-la. Disse-lhe:

— Meu caro Fortunato, que sorte encontrará-lo! Você parece estar admiravelmente bem. Mas recebi um barril de vinho que passa por Amontillado e tenho minhas dúvidas.

— Como? — disse ele. — Amontillado? Um barril? Impossível! Em pleno carnaval?

— Tenho minhas dúvidas — repliquei — e fui tolo a ponto de pagar por ele sem o consultar primeiro. Mas é que não consegui encontrá-lo e fiquei com medo de perder um bom negócio.

— Amontillado!

— Tenho minhas dúvidas.

— Amontillado!

— E quero esclarecê-las.

— Amontillado!

— Caso você tenha algum compromisso, vou procurar Luchesi. Se existe alguém de senso crítico, é ele. Ele me dirá...

— Luchesi é incapaz de distinguir um Amontillado de um Sherry.

— E, no entanto, alguns tolos diriam que o paladar dele se compara ao seu.

— Vamos lá.

— Para onde?

— Para sua adega.

— Não, meu amigo. Não quero abusar de sua boa vontade. Percebo que você tem um compromisso. Luchesi...

— Não tenho compromisso nenhum. Vamos. — Não, meu amigo. Não é pelo compromisso, mas porque vejo estar você severamente resfriado. A adega é insuportavelmente úmida. Está cheia de incrustações de salitre.

— Vamos mesmo assim. O resfriado não é nada. Amontillado! Aproveitaram-se de você. E, quanto a Luchesi, ele é incapaz de distinguir um Sherry de um Amontillado.

Assim falando, Fortunato apossou-se de meu braço. Colocando sobre o rosto uma máscara de seda preta e envolvendo-me numa *roquelauze*, apressei-me a guiá-lo a meu palácio.

Não havia criados em casa; tinham ido divertir-se. Eu lhes havia dito que não voltaria senão de manhã e tinha-lhes dado ordens explícitas de não se ausentarem da casa. Tais ordens eram suficientes, sabia-o bem, para fazê-los desaparecer de imediato, tão logo eu lhes voltasse as costas.

Tirando duas tochas de seus suportes, e entregando uma a Fortunato, guiei-o através de várias séries de quartos até o arco que levava à adega subterrânea. Desci uma longa e sinuosa escada, pedindo a Fortunato que tivesse cuidado ao acompanhar-me. Chegamos, por fim, ao pé da escada e paramos, por um instante, sobre o chão úmido das catacumbas dos Montresor.

O modo de andar de meu amigo não era firme, e os guizos de seu chapéu tilintavam a cada passo.

— O barril — disse ele.

— Está logo adiante — respondi. — Mas observe o fino rendilhado que brilha nas paredes desta cava.

Ele se virou para mim e olhou-me nos olhos com duas órbitas opacas que destilavam a reuma da embriaguez.

— Salitre? — perguntou, por fim.

— Salitre — repliquei. — Há quanto tempo você está com essa tosse?

— Cof! Cof! Cof! — Cof! Cof! Cof! — Cof! Cof! Cof! — Cof! Cof! Cof! — Cof! Cof! Cof!

Meu pobre amigo esteve impossibilitado de responder por muitos minutos.

— Não é nada — disse ele, afinal.

— Venha — acrescentei com decisão —, vamos voltar; sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado; é feliz, como um dia eu também o fui. Sua falta será sentida; a minha, não. Vamos voltar; você ficará doente e eu não quero responsabilizar-me por isso. Ademais, há Luchesi...

— Chega — redargui ele. — A tosse não tem importância, não me matará. Não morrerrei de uma simples tosse.

— Claro, claro — respondi —, e na verdade não tive intenção de alarmá-lo desnecessariamente, mas você deve tomar todo cuidado. Um trago deste Médoc nos defenderá da umidade.

Quebrei o gargalo de uma garrafa, que retirei de uma longa fileira de outras, semelhantes, empilhadas no chão.

— Beba — disse, oferecendo-lhe o vinho.

Com um olhar de soslaio, ele o levou aos lábios. Fez uma pausa e assentiu para mim amigavelmente, enquanto os guizos tilintavam.

— Bebo — disse ele — aos mortos que repousam à nossa volta.

— E eu, à sua longa vida.

Ele de novo me tomou pelo braço e continuamos.

— Estas cavas são amplas — observou.

— Os Montresor — repliquei — eram uma família grande e numerosa.

— Não me lembro de seu brasão.

— Um enorme pé humano de ouro sobre um campo azul; o pé esmaga uma serpente cujos dentes estão encravados no calcanhar.

— E a legenda?

— *Nemo me impune lacessit.**

— Bom! — disse ele.

O vinho fizera seus olhos brilhantes, e os guizos tilintavam.

Minha própria imaginação aquecera-se com o Médoc. Havíamos passado por paredes de esqueletos empilhados de mistura com tonéis e quartilhas, até as mais profundas alcovas das catacumbas. Fiz nova pausa e, dessa vez, atrevi-me a segurar Fortunato pelo braço, acima do cotovelo.

— O salitre! — disse eu —, veja como aumenta. Pende como musgo das paredes. Estamos abaixo do leito do rio. As gotas de umidade pingam entre os ossos. Venha, voltemos antes que seja tarde demais. Sua tosse...

— Não é nada — disse ele. — Continuemos. Mas, antes, outro trago do Médoc.

Quebrei o gargalo e estendi-lhe uma garrafa de De Grâve. Esvaziou-a de um só fôlego. Seus olhos queimavam com brilho ardente. Riu e atirou a garrafa para cima, com um gesto que não entendi.

Olhei-o surpreso. Ele repetiu o movimento grotesco.

— Você não compreende? — disse.

— Não — repliquei-lhe.

— Então é porque não pertence à irmandade.

— Como?

— Você não é maçom.

— Sim, sim — disse-lhe. — Sim, sim.

— Você? Impossível! Um maçom?

— Um maçom — respondi.

— Dê-me um sinal — ele pediu.

— Ei-lo — retruquei, extraíndo uma colher de pedreiro de sob as pregas da minha *roquelaure*.

— Você graceja! — exclamou, recuando alguns passos. — Mas vamos ao Amontillado.

— Assim seja — disse eu, guardando a ferramenta sob a capa e, de novo, oferecendo-lhe o braço. Ele se apoiou sobre mim pesadamente. Continuamos nosso caminho, à procura do Amontillado. Passamos por uma série de arcos baixos, descemos, prosseguimos e, descendo novamente, chegamos a uma cripta profunda, cujo ar confinado enfraquecia a chama de nossas tochas.

Na extremidade mais afastada dessa cripta havia outra, menos espaçosa. Suas paredes estavam ocultas por uma pilha de despojos humanos que subia até a abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três lados da cripta interior estavam assim ornamentados. No quarto, os ossos haviam sido derrubados ao chão e jaziam promiscuamente, formando, em certo ponto, um monte de alguma altura. Na parede, exposta pela remoção dos ossos, percebemos ainda mais uma alcova, de pouco mais de um metro de profundidade, uns noventa centímetros de largura e cerca de dois metros de altura. Parecia não ter sido construída para qualquer fim especial, e sim originada meramente do intervalo entre duas das colossais colunas que suportavam o teto da catacumba, sendo o seu fundo uma das paredes circunscritas, de sólido granito.

Foi em vão que, erguendo a tocha de luz mortífera, Fortunato tentou esquadrihar as profundezas da alcova. O fraco clarão não nos permitia ver-lhe o fundo.

— Continue — disse eu. — Aí dentro está o Amontillado. Quanto a Luchesi...

— É um ignorante — interrompeu meu amigo, conforme avançava, seguido de perto por mim. Num instante, alcançou a extremidade do nicho e, encontrando seu avanço obstado por uma rocha, parou, estupidamente surpreso. Um momento depois, eu já o tinha algemado ao granito. Soldados a este, havia dois grampos de ferro distantes sessenta centímetros um do outro, em sentido horizontal. De um deles pendia uma corrente curta; do outro, um cadeado. Enrolados os grilhões ao redor de seu pulso, foi coisa de poucos segundos algemá-lo. Ele estava atônito demais para resistir. Retirando a chave do cadeado, saí

do recesso.

— Passe a mão nas paredes — disse-lhe eu — e não poderá deixar de sentir o salitre. É *muito* úmido, na verdade. Mais uma vez, deixe-me *implorar-lhe* que volte. Não? Então, vejo-me positivamente forçado a abandoná-lo. Mas, antes disso, devo prestar-lhe todos os pequenos obséquios ao meu alcance.

— O Amontillado — balbuciou meu amigo, ainda não recuperado do espanto.

— Certo — repliquei —, o Amontillado.

Ditas essas palavras, pus-me em atividade por entre a pilha de ossos de que já falei. Atirando-os para o lado, deixei a descoberto certa quantidade de pedras para construção e argamassa. Com esses materiais, e com a ajuda da minha colher de pedreiro, comecei a emparedar com vigor a entrada do nicho.

Tinha apenas assentado a primeira camada de alvenaria quando descobri que a embriaguez de Fortunato havia em grande parte se dissipado. A primeira indicação que tive disso foi um grito surdo e lamentoso vindo das profundezas da alcova. *Não era* o grito de um bêbado. Houve, depois, um longo e obstinado silêncio. Assentei a segunda camada, e a terceira, e a quarta; ouvi, então, o agitar furioso da corrente. O ruído prolongou-se por vários minutos, durante os quais, para ouvi-lo com maior satisfação, interrompi o trabalho e sentei-me sobre os ossos. Quando, por fim, o ruído acalmou-se, retomei a ferramenta e terminei sem interrupção a quinta, a sexta e a sétima camadas. A parede erguia-se agora à altura de meu peito. Fiz nova pausa e, levantando a tocha por sobre a alvenaria, lancei seus débeis raios luminosos sobre a figura lá dentro.

Uma sucessão de gritos altos e agudos, arrancados subitamente da garganta do vulto algemado, pareceu empurrar-me para trás. Por breve momento, hesitei — e tremi. Saquei minha espada e comecei a apalpar com ela a alcova, mas um pensamento instantâneo tranquilizou-me. Pousei a mão sobre a sólida estrutura da catacumba e senti-me satisfeito. Voltei à parede. Respondi aos gritos do que clamava. Fiz-lhes eco, ajudei-os, ultrapassei-os em volume e intensidade. Fiz tudo isso, e o gritador calou-se.

Era agora meia-noite, e minha tarefa chegava ao fim. Completara a oitava, a nona e a décima camadas. Terminara a maior parte da décima primeira e última; faltava apenas assentar a última pedra. Lutei contra seu peso e consegui colocá-la parcialmente no lugar que lhe era destinado. Mas, nesse momento, veio do nicho um riso surdo que fez meus cabelos se eriçarem. O riso foi seguido por uma voz triste, que tive dificuldade em identificar como a do nobre Fortunato. Disse a voz:

— Ha! ha! ha! He! he! he! Boa brincadeira, muito boa, na verdade, uma piada excelente. Daremos boas risadas no palácio, he! he! he!, quando estivermos bebendo nosso vinho, he! he! he!

— O Amontillado! — disse eu.

— He! he! he! He! he! he! Sim, o Amontillado. Mas não está ficando tarde? Não estarão nos esperando no palácio lady Fortunato e os outros? Vamos embora.

— Sim — disse eu —, vamos embora.

— *Pelo amor de Deus, Montresor!*

— Sim — disse eu —, pelo amor de Deus!

Mas esperei em vão por resposta a essas palavras. Impacientei-me. Chamei alto:

— Fortunato!

Nenhuma resposta. Chamei de novo:

— Fortunato!

Nenhuma resposta ainda. Enfiei uma tocha pela abertura que restara e deixei-a cair dentro do recesso. De volta, ouviu-se apenas um tilintar de guizos. Eu já estava nauseado pela umidade das catacumbas. Apressei-me a terminar o trabalho. Forcei a última pedra até assentá-la no lugar certo e cimentei-a. Contra a alvenaria recém-terminada, reempilhei o velho monte de ossos. Há meio século que mortal algum os perturba. *In pace requiescat!*

“The cask of Amontillado”, 1846

* Ninguém me fere impunemente. (N. E.)